UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

FACULDADE UNB PLANALTINA - FUP

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO- LEdoC

MARÍLIA FERREIRA GÁSPIO

CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO:

CONTRIBUIÇÕES DA CULTURA POPULAR NO ENSINO DA ESCOLA ESTADUAL BOM JARDIM-EXTENSÃO KALUNGA II

PLANALTINA-DF

2018

MARÍLIA FERREIRA GÁSPIO

CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA CULTURA POPULAR NO ENSINO DA ESCOLA ESTADUAL BOM JARDIM-EXTENSÃO KALUNGA II

Projeto de TCC apresentado ao curso de Licenciatura de Educação do Campo – LEdoC da Faculdade UnB Planaltina com requisito básico para conclusão do curso de Habilitação em Linguagens.

Orientador: Prof. Me. Felipe Canova Gonçalves

PLANALTINA-DF

2018

MARÍLIA FERREIRA GÁSPIO

CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO:

CONTRIBUIÇÕES DA CULTURA POPULAR NO ENSINO DA ESCOLA ESTADUAL BOM JARDIM-EXTENSÃO KALUNGA II

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Educação do Campo, com habilitação na Área de Linguagens.

Aprovada em 11 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Me. Felipe Canova Gonçalves (Orientador)
Universidade de Brasília (UnB)

_____

Prof. Esp. Adriana Fernandes (Examinadora)
Universidade de Brasília (UnB)

_____

Prof. Dr. Rafael Litvin Villas Boas (Examinador)
Universidade de Brasília (UnB)

PLANALTINA-DF

2018

Este trabalho é dedicado pra toda minha família, tios, primos, sobrinhos e cunhadas, por todo apoio que me deram durante esta trajetória, em especial aos meus filhos Maria Eduarda e Vitor Gabriel pela a força que tiveram de ficar longe de mim por longos períodos, a minha mãe Maria Gáspio pelo o apoio, carinho e dedicação que deu a mim e aos meus filhos enquanto eu estava ausente, ao meu pai Jaime Bispo que mesmo longe me ajudou no que foi preciso, aos meus irmãos João Gáspio e Jaime Filho pela força e palavras de incentivo que nunca me deixou desistir e em memória dos meus tios José Gáspio, Doraídes Gáspio e Nirsony Gáspio.

Dedico para todos meus amigos que torceram por minha vitória e também para aqueles que disseram que eu não ia conseguir, pois além de amor, carinho, amizade e dedicação, foram as palavras negativas que me deram força para continuar e não desistir nunca.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vitória alcançada e aos meus familiares por todo apoio que me deram.

Agradeço a comunidade Bom Jardim, por ter me acolhido como filha do seio daquela terra durante todos estes anos. Ao senhor Delfino pela amizade e carinho que tem por mim e toda minha família.

Agradeço ao meu orientador Prof. Me. Felipe Canova Gonçalves pela disponibilidade de me orientar, por suas palavras de apoio e segurança e por sua paciência de me ajudar a realizar este trabalho.

Agradeço ao Prof. Dr. Rafael Litvin Villas Boas e a Prof. Esp. Adriana Fernandes pela disponibilidade de estarem presentes na minha banca examinadora.

Agradeço a toda turma de Linguagens pelo longo processo em que estivemos juntos, pelos laços de amizades que se construíram durante estes quatro anos, em especial a Beatriz Vidal que disponibilizou seu computador para que eu pudesse escrever meu TCC.

Agradeço a Adilene Bispo, Célia Rodrigues, Cláudia Barbosa, Daiane Martins, Danilo Magalhães, Fernanda Condes, Jordana Lima, Luciene Rosa e Marinez Rosa pelas incansáveis vezes que fizeram sorrir e pelas palavras de incentivo e carinho durante estes quatro anos.

Agradeço a Maria Helena Serafim Rodrigues por ter me apresentado o curso, pois se não fosse ela, eu hoje não estaria sendo egressa do curso LEdoC.

Agradeço a LEdoC por ter me dado a oportunidade de me descobrir como mulher, como negra, como pessoa que tem uma história de vida e quem tem uma identidade própria.

E por fim, agradeço a todos que lutam por uma educação transformadora, que lutam por igualdade social, que lutam para manter as escolas do campo, que lutam pra preservar a identidade cultural dos sujeitos do campo, que lutam pelo o curso LEdoC e que não desistem da batalha pelo direito a educação básica e superior a todos.

Temos o dever moral de mudar nós mesmos, depois mudarmos nossa casa, nossa rua, nossa quadra, nossa comunidade e juntos poderemos mudar o mundo.

Geovan Moreira.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo ressaltar a importância de se trabalhar a cultura popular dentro do contexto escolar da Escola Estadual Bom Jardim-extensão Kalunga II, localizada no município de Monte Alegre de Goiás (GO). Busca-se entender a significância da cultura popular no processo de ensino-aprendizagem dos jovens presentes na escola mencionada. Almeja-se também fazer um resgate da historicidade e identidade cultural destes jovens, relacionada com a cultura quilombola Kalunga. O trabalho ainda aborda em seu contexto, reflexões sobre o estágio que realizamos na escola, onde procuramos relatar como a escola aborda a cultura popular local, dentro das salas de aula. Nesta reflexão, também apresentamos formas de como a escola deve agir, diante da realidade dos jovens. A metodologia usada para realizar este trabalho foi a pesquisa qualitativa, por meio da qual nos inserimos na escola, para um melhor levantamento de dados. Os sujeitos envolvidos neste trabalho foram os educandos do 6º ao 9º ano do fundamental e os procedimentos de coleta de dados partiram das observações e anotações durante o estágio, sendo sistematizadas na forma de relato de experiências.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Popular, Identidade Cultural, Educação do Campo, Juventude, Escola do Campo.

ABSTRACT

This work aims to highlight the importance of working the popular culture within the school context of the State School Bom Jardim - Kalunga II extension, located in the municipality of Monte Alegre de Goiás (GO). It seeks to understand the significance of popular culture in the process of teaching learning of young people present in the mentioned school. It is also hoped to make a rescue of the historicity and cultural identity of these young people, related to the quilombola culture Kalunga. In this context, the paper also discusses the stage we take in school, where we try to report how the school approaches local popular culture in classrooms. In this reflection, we also present ways of how the school should act, faced with the reality of the young. The methodology used to perform this work was the qualitative research, through which we inserted in the school, for a better data collection. The subjects involved in this work were students from the 6th to 9th grade of the fundamental and the procedures of data collection started from the observations and notes during the internship, being systematized in the form of experience reports.

KEYWORDS: Popular Culture, Cultural Identity, Educação do Campo, Youth, Escola do Campo.

LISTA DE FIGURAS

Foto 1: Local onde residia o comércio do senhor João Gáspio..... 14
Foto 2: Senhor João Gáspio..... 15
Foto 3: Árvore Genealógica, do meu caderno de mememórias. 16
Foto 4: Mapa de Monte Alegre de Goiás..... 31
Foto 5: Festejo de Nossa Senhora do Rosário. Monte Alegre de Goiás.. 32
Foto 6: Festa do Reinado da Cachaça. Monte Alegre de Goiás 32
Foto 7: Igreja Católica de Monte Alegre de Goiás..... 32
Foto 8: Meio de transporte mais utilizado pelo o povo Kalunga, na atualidade.34
Foto 9: No período de chuvas, é normal os carros atolarem..... 35
Foto 10: Capela do festejo de São João, comunidade Sucuri..... 36
Foto 11: Festejos de São João, comunidade Sucuri. 36
Foto 12: Mulheres dançando Sussa, comunidade Vão de Almas. 37
Foto 13: Folia de Santo Antônio, comunidade Vão de Almas. 38
Foto 14: Pastagem do senhor Pereira, comunidade Bom Jardim. 41
Foto 15: Alojamento de professores, na Escola Estadual Bom Jardim. 42
Foto 16: Atual escola da comunidade Bom Jardim. 42

Sumário

INTRODUÇÃO 11
MINHA RELAÇÃO COM A COMUNIDADE BOM JARDIM, COM A ESCOLA BOM JARDIM E A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO 14
CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CULTURA E SUAS CONCEPÇÕES. 20
CAPÍTULO 2: CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO – MONTE ALEGRE DE GOIÁS E QUILOMBO KALUNGA. 30
2.1. Aspectos físicos e ambientais 30
2.2. Aspectos Culturais 31
2.3. Quilombo Kalunga 33
2.3.1. Aspectos físicos e ambientais 34
2.3.2. Aspectos Culturais 36
2.3.3. Fazenda Bom Jardim Kalunga, relatos do senhor Pereira. 41
CAPÍTULO 3:REFLEXÕES SOBRE MINHA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA 43
CONSIDERAÇÕES FINAIS 52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 55

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em Educação do Campo tem como tema de pesquisa o trabalho com a cultura popular na Escola Estadual Bom Jardim- extensão Kalunga II, município de Monte Alegre de Goiás (GO).

O mencionado tema justifica-se a partir da necessidade, identificada durante meu estágio e da minha formação na habilitação em Linguagens da LEdoC, de trabalhar a cultura popular dentro da escola. Embora as estratégias da Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Esporte (Seduce-GO) contemplem o trabalho com a cultura e o resgate da mesma dentro da escola, estas estratégias segundo os professores não tem feito parte do currículo escolar, levando assim alunos e professores a não obter conhecimento dos conceitos de cultura e nem sobre a importância da mesma para a vida de cada um. E por ser algo importante na vida de cada indivíduo, a cultura deve fazer parte do ensino escolar.

E no decorrer do meu trabalho como estagiária, vi o quanto os alunos desenvolveram com o aprendizado sobre a cultura, e percebi o quanto a mesma tinha uma contribuição rica em conhecimento e aprendizado. A cultura popular é parte importante do sujeito, assim como a educação que, por ser direito do indivíduo, também passa a ser algo importante. Por este motivo é relevante que educação e cultura popular andem lado a lado.

O objetivo geral deste trabalho é pesquisar a relação entre cultura popular e Educação do Campo com ênfase na contribuição da cultura popular local para o ensino na Escola Bom Jardim – Extensão Kalunga II, Monte Alegre de Goiás (GO), entendendo-a como um espaço de reflexão sobre a cultura local. Como objetivos específicos, propus sistematizar a construção de conhecimento sobre o trabalho com a cultura local em sala de aula e sua contextualização pertencente à escola e comunidade; analisar de que forma o trabalho com a cultura popular na escola permite avançar no ensino-aprendizagem dos/as educandos/as e apontar caminhos para promover a importância da cultura no ambiente escolar voltados à realidade do território Kalunga. E assim contribuir

com o aprofundamento e conhecimento sobre a cultura popular, ampliando os conhecimentos já existentes na comunidade, em conformidade com outros existentes no passado, para transmitir e manter viva a tradição e promover o gosto sobre a cultura popular local, bem como por sua história. Para tanto se faz necessário que o conteúdo aplicado na escola, esteja em conformidade com a contextualização de povos remanescentes de quilombo.

Sendo assim, pretende-se com este trabalho desenvolver proposta de atividades que sejam atrativas aos alunos, que priorizem o resgate da historicidade e a contextualização cultural, ao mesmo tempo, que atue na construção do conhecimento, através de leituras dinâmicas de textos diversificados, documentários e fotografias, desenvolvidos por diversos autores, com temática referente ao povo quilombola Kalunga.

Este trabalho teve como local de elaboração a Escola Bom Jardim, que está localizada no município de Monte Alegre (GO), na Fazenda Bom Jardim, que fica na comunidade Quilombola Kalunga. Ela foi construída em um espaço doado por um morador local que era dono da terra. A escola funciona em dois turnos, sendo pela manhã Escola Municipal e à tarde, Escola Estadual. As salas de aulas tanto estaduais, quanto municipais são multisseriadas. Ao todo a escola conta com a presença de 20 alunos, com idades entre 06 a 17 anos.

Esta escola faz parte de um local rico em cultura, mas o que se tem notado com o passar do tempo, é que há uma perda muito grande da cultura local, suas raízes e identidade por parte dos jovens. E o trabalho da cultura dentro do contexto escolar poderá não só resgatar a cultura local, entendendo os motivos desta omissão por parte do sistema educacional, como também poderá apresentar aos alunos outros tipos e modos de culturas, para que possam entender que cada cultura tem suas particularidades e importância, e que tudo que esta a nossa volta, desde o que fazemos ao que comemos é cultura.

A metodologia usada neste trabalho foi a pesquisa qualitativa. Este tipo de pesquisa tem como base pessoas, valores e costumes, envolvendo a coleta de informações de variados materiais, para posteriormente atribuí-los caráter científico. Para Minayo:

> A pesquisa qualitativa responde as questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um

> nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21).

Usamo-la para compreender e explicar tudo que está ao nosso meio. Ela investiga documentos como, imagens, textos, entre outros, bem como procura entender a relação do indivíduo com a sociedade e vice-versa, já que qualitativo é o objeto essencial da Ciência Social. Ela faz uma análise mais profunda do problema em questão, pois além de querer saber “o que” ela também vai querer saber “o porquê”.

> A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela. Portanto, os códigos das ciências que por sua natureza são sempre referidos e recortados são incapazes de a conter. As Ciências Sociais, no entanto, possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedades, ainda que dê forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Para isso ela aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações. (MINAYO, 1994, p. 15).

Compondo esta pesquisa utilizei como técnicas a **revisão bibliográfica** para aproveitamento teórico proposto em assuntos referentes a cultura popular e o **relato de experiências** da minha prática no estágio, que analisei em um processo de reflexões.

O trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro capítulo aborda o tema cultura e suas concepções. O segundo aborda a caracterização do território Kalunga e Monte Alegre de Goiás e o terceiro aborda as reflexões que elaborei sobre minha experiência na escola.

MINHA RELAÇÃO COM A COMUNIDADE BOM JARDIM, COM A ESCOLA BOM JARDIM E A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Me chamo Marília Gáspio, tenho 33 anos, sou natural de Monte Alegre de Goiás e moro atualmente neste município, na comunidade Bom Jardim no quilombo Kalunga. Sou fruto de um relacionamento rápido de minha mãe com um garimpeiro, que nos anos 1980 andava por aquela região, atraído assim como muitos pelas minas de ouro que havia no local. Em 1961, meus avós maternos que viviam em uma fazenda, preocupados com a educação dos filhos, mudaram-se para Monte Alegre de Goiás, e construíram seu legado, pois a família Gáspio é tradicional na cidade. Meu avô tinha um comércio na cidade, conhecido como Venda de seu João Gáspio, que tinha uma variedade de produtos, desde alimentos até tecidos. Este comércio tornou-se referência para a população da zona rural, inclusive para os Kalungas, pois meu avô não só vendia, como também adquiria produtos como moeda de troca. Com a morte do meu avô em 1996, meu tio que era conhecido como Zé Gáspio herdou o comércio, que continuou com a mesma referência para os povos Kalunga, pois embora já houvesse outros comércios mais modernos no local, os Kalungas nunca deixaram de comprar no comércio que era do meu avô. Infelizmente, com a morte do meu tio em 2011, o comércio fechou suas portas e não foi mais reaberto. O local onde residia o comércio foi tombado como patrimônio histórico.

Foto 1: Local onde residia o comércio do senhor João Gáspio.

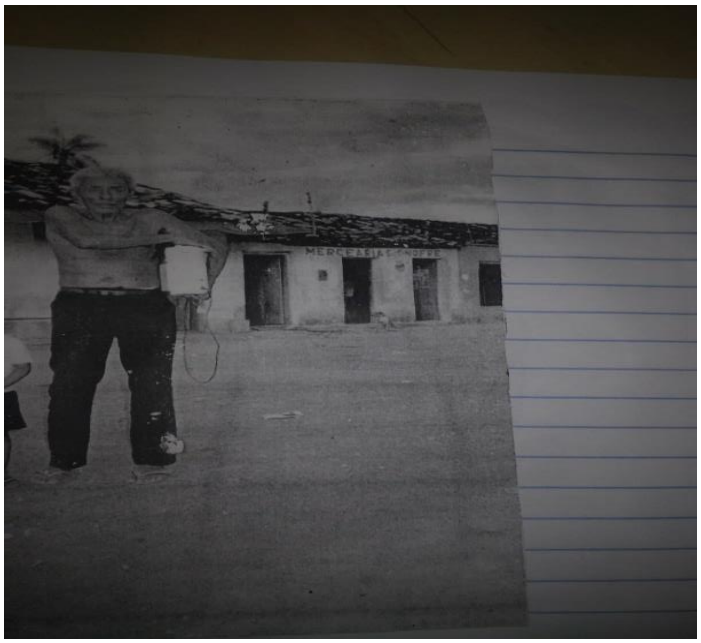

Foto 2: Senhor João Gáspio.

Em 2007, pisei pela a primeira vez no território Kalunga, mais precisamente na comunidade Saco Grande. Fui convidada para uma festa neste local, por um amigo que era quilombola do Kalunga. Lembro como se fosse hoje, o caminhão em que estávamos quebrou e não teve mais como seguir viagem naquela estrada estreita no meio daquelas serras, e acabamos de chegar ao local da festa a pé, depois de andarmos mais ou menos umas seis horas. Lembro-me como estava cansada quando cheguei lá, mas ao mesmo tempo estava encantada com o lugar, e pensei comigo “foi difícil chegar aqui, mas depois daqui vale a pena” e peguei este pensamento para mim, como uma espécie de frase que usaria para dizer a todos aqueles que viessem falar sobre as dificuldades de chegar naquele local.

Depois que conheci o Kalunga, não recusei mais nenhum convite para estar neste lugar, fiz grandes amizades aqui, povo simples, hospitaleiro e com muitas histórias pra contar. Neste meio tempo, minha mãe se casou com um senhor da comunidade Bom Jardim e se mudou para o local, e eu não pensei duas vezes e me mudei junto com ela. Faz nove anos que vivo na comunidade Bom Jardim e sou apaixonada pelo lugar, não só pela comunidade onde vivo, mas apaixonada por toda história do território Kalunga.

Sempre respeitei e admirei a cultura Kalunga, mas não sabia a importância de se manter viva esta cultura. Foi somente após ingressar no curso

Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) em 2015, onde em um dos componentes curriculares, realizei um trabalho chamado “Caderno de Memória” e neste caderno registrei minha história de vida desde minha terceira geração. E com este trabalho descobri coisas da minha identidade histórica que nem imaginava que fosse daquele jeito, como por exemplo, descobrir que a origem do meu sobrenome Gáspio é italiana, que surgiu pelo modo como os italianos falavam “Mar Cáspio” que ao invés de falar Cáspio falavam Gáspio.

Este trabalho de pesquisa sobre o meu passado me instigou a querer compreender a cultura do local onde eu estava vivendo, e valorizar cada vez mais a mesma, pois foi onde passei a compreender a relação do campo com sua cultura, identidades, raízes, memórias e histórias. Desde aquele momento eu soube que meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), seria algo em torno da cultura.

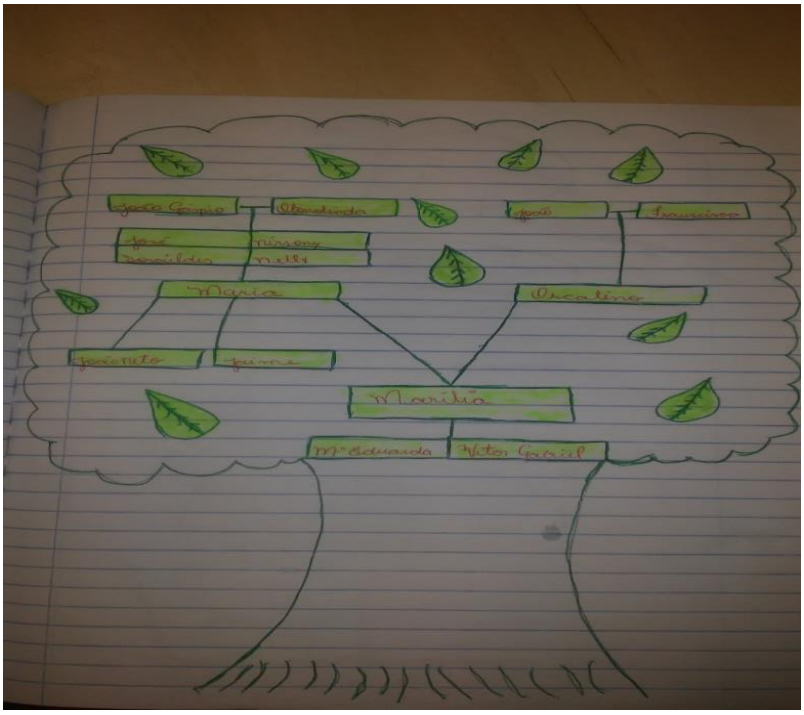

Foto 3: Árvore genealógica do meu caderno de memórias.

Cursar um curso superior sempre foi um sonho para mim. Como afirmei acima, somente no ano de 2015 consegui realizar este sonho ao começar a cursar Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) na área de Linguagens na

Faculdade UnB Planaltina-DF. Tive conhecimento de tal curso através de uma amiga, a Maria Helena que já estava cursando este mesmo curso. Ela própria me inscreveu no vestibular, eu fiz a prova e passei. Mas até aquele momento eu só conhecia o curso pelo nome, não sabia como ele funcionava, a única coisa que sabia era que tinha que passar um tempo em Brasília. E isso fez com que meu casamento de quase quatro anos acabasse, pois meu ex-marido não aceitou o fato de que eu teria que passar quase 60 dias em Brasília duas vezes no ano. Para ele isso não era certo, não era atitude pra uma mulher casada e mãe de dois filhos. E depois de ouvir críticas e conselhos do tipo: “vai trocar o certo pelo duvidoso” ou “se o curso não der certo, vai ficar sem curso e sem marido” resolvi então interromper o casamento e mergulhar de cabeça no curso que até então para mim era desconhecido.

Não é fácil ir de encontro ao desconhecido. Mas se eu não fizesse isso, estaria só enterrando meu sonho de anos. Se eu me arrependo de ter tomado tal atitude? Não, eu não me arrependo, pois foi através deste curso que eu me descobri como negra, como mulher, como pessoa que tem seus direitos, como alguém que tem voz, que tenho história, que tenho identidade cultural, que tenho vida própria. Mostrou-me uma liberdade no qual eu achava impossível ter.

E é isso que o curso Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), me proporcionou. Esta liberdade de ser quem eu quero ser, a liberdade de ser quem eu sou. Sem ter que explicar os “porquês” de uma sociedade cheia de machismo, preconceito e racismo. Se eu faria tudo de novo? Sim, eu faria. Não me arrependo de ter terminado um casamento pra estar neste curso, não me arrependo de ter ficado dias e dias longe de casa e de meus filhos. Porque sei, que tudo que aprendi durante quatro anos de LEdoC serão coisas que levarei por toda vida, e passarei pros meus filhos e para demais. Outros cursos poderiam ou até poderão me ensinar uma profissão, mas ensinar lição de vida, liberdade, luta e resistência igual à LEdoC acho quase impossível.

Aqui cabe contextualizar melhor o curso em questão. A licenciatura em Educação do Campo é um curso aprovado pelo CEPE (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão) da Universidade de Brasília, que tem como objetivo formar e habilitar profissionais na educação fundamental e educação média, tendo como objeto as escolas de educação básica do campo para haver uma construção de organização escolar e do trabalho pedagógico, para os anos finais

do Ensino fundamental e Ensino médio. O curso tem a intenção de preparar educadores cuja atuação profissional vai além da docência, onde eles possam atuar como gestores dos processos educativos que acontecem na escola e no seu entorno, também visa contribuir para a construção coletiva de um projeto de formação de educadores que sirva como referência para políticas públicas e Educação do Campo.

O curso conta ainda com a parceria do ITERRA (Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária), cuja sede é no Rio Grande do Sul. Esta instituição com larga experiência em formação de educadores do campo, atende a intenção do Ministério da Educação de estimular a parcerias das IES (Instituição de Ensino Superior) com institutos educacionais que atuam junto as populações do campo. O curso funciona num processo de alternância, onde é dividido em dois momentos, o primeiro é o Tempo Universidade (TU) e o segundo é o Tempo Comunidade (TC), o TU tem um tempo aproximado de 60 dias, é onde as turmas vão pra universidade, ter aulas presenciais e onde dão o retorno dos trabalhos realizados em TC. O TC tem uma variação de tempo entre dois a três meses, neste tempo as turmas realizam trabalhos que são passados durante o TU, são trabalhos como inventários, pesquisas, estágios, etc. O curso tem ao todo 8 semestres, o que dá uma duração de quatro anos.

A primeira turma do curso Licenciatura em Educação do Campo teve início em 2007, e atendeu a demanda formulada pelo Ministério da Educação, por mediação da Secretaria de Educação Superior e da Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade, endereçada a Universidade de Brasília mediante carta-convite em novembro de 2006. E em agosto de 2007, foi realizado o primeiro vestibular do curso, promovido pelo o CESPE/UnB, onde foram aprovados 130 candidatos, destes 60 foram convocados para compor a primeira turma, onde o 1º semestre deu início em setembro do mesmo ano. E tenho grande orgulho de estar fazendo parte da 8ª turma do curso.

Quando comecei a pensar escrever um TCC sobre a cultura local, me veio de imediato a escola local. Primeiro por ser ponto de referência na comunidade e depois pelo fato de ser minha escola de inserção. Mas antes de tudo isso eu já conhecia bem o espaço escolar da comunidade, pois em setembro de 2013 comecei a trabalhar lá como merendeira. Trabalhei nesta profissão durante três anos e meio, como era por contrato da prefeitura, em 2016 meu contrato venceu

e não fui mais chamada para o cargo. Trabalhar como merendeira na escola, para mim foi gratificante. Pois além de ser um trabalho supertranquilo, era uma escola onde minha filha estudava e estuda. Também era próxima a minha casa e minha convivência com todos os alunos, professores e outros funcionários sempre foi de harmonia. Senti muita falta do emprego quando saí de lá.

Mesmo depois que parei de trabalhar como merendeira eu continuei bem próxima à escola. Pois como disse a minha filha ainda estuda lá, e estou sempre acompanhando o desempenho escolar dela.

Em 2016 quando eu ainda era merendeira, desenvolvi na escola alguns trabalhos de componentes curriculares da LEdoC, como inventário, entrevistas e trabalho teatral. Esta aproximação minha com a escola fez com que eu me sentisse menos nervosa durante meu estágio. Já conhecia uma boa parte dos alunos e também os professores isso me deu certa segurança na hora de estagiar. E hoje meu sonho é terminar meu curso e ser professora nessa escola.

Depois que entrei na faculdade trabalhei mais um ano como merendeira na escola, e sempre observava o cotidiano por lá. Foi quando comecei a perceber a perda da cultura popular local por parte dos jovens da comunidade e que a mesma não era trabalhada dentro da escola. Que as únicas manifestações culturais, assim mesmo distante da realidade daqueles alunos eram em datas comemorativas, como exemplo dia do índio e dia do folclore. Nada que trabalhavam chegava perto da cultura local, e fiquei bastante triste em sentir que aos poucos a cultura local estava sendo esquecida. Isso fez com que meu interesse sobre a cultura local crescesse mais, queria fazer algo para tentar fazer uma reaproximação destes jovens com a sua cultura, e vi no estágio uma possibilidade de fazer esta reaproximação.

CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CULTURA E SUAS CONCEPÇÕES

Cultura significa todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo o ser humano, não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade da qual é membro. Cada sociedade constrói sua própria cultura, as quais são transmitidas de geração em geração através da convivência entre os indivíduos.

Porém cultura é mais que isso, ela é parte de todo um contexto social, pois a mesma é elaborada pela a interação e relações entre os indivíduos como sujeitos sociais. O sujeito produz sua história, levando-os a produzir também a sua cultura, não de forma concreta, mas existente na sua realidade.

> - Nas práticas que têm por objetivo predominante a sobrevivência social e política como as diferentes formas de organização e associação (grupos familiares, partidos, grupos de lazer, sindicatos, associações de moradores etc.);
> - Nas práticas que têm como principal objetivo a expressão e representação do real e do imaginário, o conhecimento do mundo e sua valorização, a produção artística, a religiosidade as lendas, os mitos, a ciência a tecnologia e etc. (BRANDÃO apud SARAIVA, 2015, p. 61).

E mais que isso, a cultura é a habilidade que homens e mulheres têm de se comunicar entre si. Mas por não ser algo concreto a cultura passa por transformações ao longo do tempo, fazendo com que o indivíduo tenha contato com culturas diferentes, sendo assim o sujeito perde uma parte da sua cultura local, ou seja, parte de sua identidade cultural.

> A cultura, tanto por influenciar o tipo de desenvolvimento, mas adequada a um território, quando como fonte de recursos, precisa ser formulada a partir do reconhecimento das identidades construídas historicamente e cujos referentes e expressões vão mudando no tempo e no espaço. (PERAFÁN, S.d., p. 25).

Para Marildo Menegat (2005), falar em cultura significa pensar a partir do universo da práxis social. Práxis que quer dizer a relação dialética entre teoria e prática. Para haver prática é necessário que haja primeiro a teoria sobre o que

deve ou não ser levado para a prática, e não adianta ter teoria se não for posta em prática, as duas coisas não podem existir em lados opostos. Portanto, a práxis social é essencial no nosso meio. Deste modo, cultura e vida social são práticas que não se devem ser pensadas separadamente, pois a junção das duas nos leva a pensar o contexto social como um todo. É o que diz Freire: “A cultura, criada pelos homens através de sua práxis e de seu trabalho, é o universo simbólico e ‘abrangente’ em que eles atuam como seres conscientes.” (FREIRE apud LIMA, 1981, p.107).

> A cultura, por conseguinte, deve ser compreendida enquanto resultado da práxis e do trabalho humano em sua relação dialética com o mundo (...). Não é uma coisa, mas uma relação, um processo dialético em permanente movimento, criado pelo o homem, mas que, ao mesmo tempo, o cria. (LIMA, 1981, p.109).

A cultura passou a ser distinguida como um campo de estudos, capaz de dar definição ao mundo, pois quando falamos deste termo, temos que lembrar que o mesmo é usado em diferentes espaços do dia-a-dia da vida do ser social, por isso conceituá-la não é um trabalho fácil. Mas hoje ela é compreendida como um conjunto de ações, hábitos, jeito de ser, crença, danças, rituais, tudo que engloba um grupo social é considerado cultura, desde as leis até a maneira de falar, o modo de vida de cada sujeito. Não é vista mais apenas como boas maneiras ou uma quantidade enorme de conhecimentos, ela é vista hoje na atualidade como modo de vida. Cultura é, no entanto, uma qualidade que diferencia o ser humano dos demais animais.

> O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. (LARAIA, 2008, p. 45).

A cultura está em contato com outros ciclos e modos de vida. Ela não é algo estático, ela é algo dinâmico que está sempre se modificando, mas isso só quer dizer que são diferentes umas das outras, e não que são superiores. A tecnologia é um exemplo desta mistura de culturas, pois nos dias atuais ninguém se atreve a escrever uma carta, já que a tecnologia disponibiliza todo um apanhado de facilidades de comunicação. Com isso deve ser entendido que é quase impossível pensar a cultura somente no passado, mas perceber que as

tradições do presente transformaram as tradições do passado e que as do futuro irão transformar as do presente.

Mas as mudanças na cultura não comprometem a essência da mesma, pois ela é parte da memória coletiva da sociedade. Cada cultura por mais que não seja concreta, tem suas particularidades, ou seja, têm formas diferentes, e estas formas devem ser respeitadas e apreciadas. Ela possui uma composição geral que revela o desempenho humano, originando as estruturas sociais e culturais do mesmo. Por isso a cultura tem uma importância dos exemplos de conduta e costumes.

> Ainda que as comunidades, em seu coletivo optem por manter viva uma “prática folclórica” ela tem que ser entendida como um ato político, como um ato de identidade daquela comunidade, que a prática para poder se manter viva; e não simplesmente porque se trata de “vaga produção simbólica” que apesar de tradicional, não agrega ao coletivo um posicionamento critico da sua prática e de sua realidade. As manifestações culturais têm de ser, antes de tudo, um modo de posicionamento com e no local, na sua relação com e no mundo. (SARAIVA, 2015, p. 67).

Devemos lembrar que todo este entendimento e análise da cultura é uma das contribuições relevantes da Antropologia, ciência que procura conhecer todos os tipos e formas de se fazer cultura e também conhecer os sujeitos que estão ligados aos aspectos culturais, ou seja, o homem.

A antropologia é a ciência que estuda o homem em toda sua diversidade. Diversidade que quer dizer algo ou aquilo que é diferente, sendo assim o ponto importante do estudo da antropologia é a diferença de culturas, ou seja, a diversidade cultural.

O homem está sempre em processo de transformação e seguindo esta lógica ao longo do desenvolvimento do processo antropológico o conceito de cultura também foi se transformando, pois é o homem quem cria a cultura, e ela não é algo genético, ela é fruto do convívio social, em que, o indivíduo está inserido.

Então no decorrer desse processo, percebe-se que cultura não está ligada apenas nas questões de conhecimento científico, ela passa a ser tudo aquilo que vivemos no nosso cotidiano, a forma de falar, vestir, o comportamento, as crenças e etc. Tudo isso é cultura, então se pensarmos no sentido antropológico, todo mundo tem cultura, pois tudo isso é parte de um processo social, e o homem

sendo um ser social, é munido de cultura, dessa forma pode dizer que não existe homem sem cultura.

A diversidade como já disse acima são as diferenças culturais que existem entre os seres humanos, dentre elas está: a linguagem, danças, vestes, raça, costumes e outras que são organizadas por uma dada sociedade. A diversidade esta por todos os lados, e saber lidar com estas diferenças é essencial, para que não façamos das mesmas um preconceito.

O Brasil é um país onde a diversidade cultural é forte e marcante, pois a cultura brasileira é a mistura de diversos grupos étnicos, que também foram os responsáveis pela formação da população Brasileira. Estas diversidades podem ser chamadas também de cultura popular brasileira, que reúne um conjunto de tradições do país, como: literatura de cordel que é tradicional no nordeste, lendas, danças e músicas folclóricas como cantiga de rodas, samba, saci-pererê, curupira, frevo, bumba meu boi, catira, moda de viola e muitos outros. Temos também as festas populares, carnaval, festas juninas, festa do divino e etc.

É importante ressaltar que todo este debate deve ser considerado em diálogo com a noção de Indústria Cultural, especialmente se queremos entender a relação entre a cultura e as perspectivas de emancipação humana. O termo Indústria Cultural foi visto pela a primeira vez em 1947 com a publicação do livro Dialética do esclarecimento escrito por Max Horkeimer e Theodor Adorno. Num ensaio chamado “Resumé sobre indústria cultural” Adorno diz que nos rascunhos do livro, o termo utilizado por eles era cultura de massa, mas resolveram substituí-lo por:

> “indústria cultural” para desligá-lo “desde o início do sentido cômodo dado por seus defensores: o de que se trata de algo como uma cultura que brota espontaneamente das próprias massas, da forma que assumiria, atualmente, a arte popular” (ADORNO, apud BASTOS et al., 2015, p. 29).

Como citado acima, a indústria cultural é imposta ao povo pelos diversos meios de comunicação, como rádio, TV, jornais e etc. e tem como objetivo atingir a população em geral, sem apontar uma área social especifica. A mídia é uma grande influência neste tipo de cultura, o indivíduo muitas vezes adere com muita facilidade o produto que está sendo oferecido pela indústria cultural, adentrando cada vez mais no espaço do indivíduo sem pedir permissão.

Músicas, novelas, filmes, alimentos e uma porção de objetos, são expostos todos os dias, por estes meios de comunicação, que na atualidade a maioria da população tem acesso. Claro que tudo isso regido pelo capitalismo, que quer cada vez mais propagar seus produtos com o intuito de vender mais.

> Em outros termos, trata-se do fetichismo da mercadoria encobrindo os fundamentos da extração de mais-valia sob o capitalismo monopolista. Ao consolidar a diversão em mercadoria, a IC assenta os termos de dominação social do capitalismo no século XX. (BASTOS et al.,2015, p. 30).

Esta indústria influencia ao consumo desenfreado, e logo mudam seus produtos, pois vão surgindo produtos novos todos os dias para serem oferecidos e consumidos pelas massas, e é quase impossível resistir a tantas variações de produtos. E por ter acesso fácil a estes meios de comunicação, pode dizer que a maior parte da população tem acesso constante aos produtos oferecidos pela indústria cultural, e a partir do momento que aderimos um produto de uma dada marca, só porque vimos no anúncio de um jornal, no comercial de TV ou no rádio, estamos participando diretamente da IC. E quanto mais o indivíduo adere a IC, mais distante de sua identidade ele fica.

> A ação da IC procura converter toda a população em consumidores passivos, fabricando e estimulando um desejo pelo consumo, aparentemente democrático, como se estivesse acessível a todas as classes, quando na verdade é inacessível para a maior parte da população. Os produtos da IC são carregados de valores e mensagens que reafirmam a necessidade e o funcionamento do sistema capitalista, ao mesmo tempo em que estimulam permanentemente a satisfação pelo consumo de mercadorias que não correspondem à satisfação das necessidades básicas de sobrevivência (casa, comida, escola...). É uma estratégia engenhosa de articulação entre coerção e consentimento, na medida em que o indivíduo (ou mesmo classes inteiras) se reconhece naquilo que, na verdade, lhe limita a autonomia. (BASTOS et al. 2015, p. 31).

Para Bastos et al. (2015), a falta de informação sobre a exploração do trabalho, leva os consumidores a comprar a ideia da meritocracia, o que sabemos que na prática não existe. Ele diz o seguinte:

> Na falta desta informação básica, a grande massa dos consumidores da informação produzida pela indústria cultural compra a mentira de que bastam a autoconfiança, o esforço individual e os próprios méritos para se qualificar na corrida pelo sucesso. (BASTOS et al., 2015, p. 33).

A cultura erudita está ligada a elite, pois somente quem detém o capital tem acesso a ela, desde que não ocorram processos de socialização deste legado. Ela é o oposto da cultura popular, ela tem muito a ver com o nível de estudo do indivíduo, o que não é posto à maioria das classes, e sim a quem tem capital para investir e obter conhecimentos. O sujeito que faz parte desta cultura é aquele que tem, supostamente, um gosto refinado e civilizado e que tem um conhecimento elevado e culto, também usando da sofisticação para compreender e fazer parte desta cultura elitizada.

Mas isto não quer dizer que este modelo de cultura não está posta a classe trabalhadora. Assim como outras culturas, a cultura erudita também tem seu lado de socialização, onde abre espaço para projetos que levam a classe trabalhadora a ter acesso a ela, ou de forma gratuita ou com projetos culturais, que baixam os preços de concertos de músicas e danças clássicas, espetáculos teatrais, museu e etc. Também consta na Constituição Federal de 1988, que o Estado deve garantir a todos os plenos exercícios dos direitos culturais, tudo isso para garantir a preservação da diversidade e manifestações culturais. De acordo com o artigo 215 da Constituição, “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.” (BRASIL, 2018, p. 88).

A cultura erudita, assim como outras, não é algo espontâneo, ela é ligada ao trabalho, então assegurar o acesso da classe trabalhadora a ela, é de suma importância. Menegat (2015) diz que a classe trabalhadora deve ter acesso ao que é construído pela a humanidade, mas para que isso aconteça, os sentidos humanos devem ser educados, fazendo assim que a classe trabalhadora possa apropriar do que a humanidade tem de melhor e que isso não seja privilégio só das elites. Ele diz ainda que os sentidos não são instâncias naturais, que são produtos do processo civilizador e que foram se modificando ao mesmo tempo em que as formas da vida social foram adquirindo uma maior capacidade de reproduzir o conjunto de seus membros. E finaliza dizendo:

> Deste modo, para que a educação dos sentidos se torne um programa de emancipação humana, isto é, a possibilidade de nos apropriarmos da grandeza da produção humana, é preciso desenvolver nossos sentidos de uma forma completamente nova, completamente distinta. É necessário fornecermos aos nossos sentidos- seja qualquer um deles- as bases e o domínio da produção humana. Para isso, precisamos ter acesso a essa reprodução, entender como ela foi criada. Desenvolver os nossos sentidos é compreender os sentidos da produção do gênero humano. (MENEGAT, 2015, p. 27).

A cultura popular, por sua vez, nasce do povo de um determinado local, canto, danças, festas, brincadeiras, jogos, e etc. todos estes elementos fazem parte desse modelo de cultura, onde o povo participa dela de uma forma ativa. Ela reúne conhecimentos e tradições, como, artesanatos, música e culinária.

A cultura popular é algo tradicional e vem do regionalismo, diferentemente da cultura de massa. Ela surge das tradições e costume de um povo e é passada de geração em geração por várias formas, porem a forma oral é a principal delas. Num conceito mais geral, podemos dizer que cultura popular é:

> O conjunto de conhecimentos e práticas vivenciadas pelo povo, embora possam ser vividos e instrumentalizados pelas elites. Pense-se no candomblé, no carnaval, na feijoada, nos usos folclóricos, no jogo do bicho e na capoeira. (...) Cultura popular simplesmente [é] o que é espontâneo, livre de cânones e de leis, tais como danças, crenças, ditos tradicionais. (...) Tudo que acontece no país por tradição e que merece ser mantido e preservado imutável. (...) Tudo que é saber do povo, de produção anônima ou coletiva. (VANNUCCHI apud ASSIS, 2006, pg.04).

Quando falamos em cultura popular, já nos vem de imediato à palavra folclore que é composto por lendas e mitos, que são histórias que nascem da imaginação das pessoas e que dão origem a algumas festas populares. Estas histórias são passadas de pais para filhos. O folclore é parte importante na cultura popular, pois ele mostra a diversidade de saberes, agir e pensar de um povo.

O termo folclore foi criado pelo o arqueólogo inglês William John Thoms em 1846, ele uniu as palavras “folk” que significa povo, popular e “lore” que significa cultura, saber. Deste modo folclore significa saber do povo ou cultura popular.

O folclore se destaca por algumas características especificas, é originado pelo saber cultural, é anônimo, pois não se sabe ao certo onde originou e nem quem criou as histórias contadas nas lendas e mitos, é uma manifestação livre e espontânea de um povo e é popular, pois todo mundo conhece, dificilmente existe alguém que nunca tenha ouvido uma história ou participado de danças e brincadeiras folclóricas. Por este motivo o folclore é também considerado cultura popular. No Brasil comemora o folclore no dia 22 de agosto, esta data passou a ser comemorada no ano de 1965. E nesta data é ressaltada a importância das manifestações folclóricas no país, já que o mesmo é rico em amostras folclóricas.

Mas como já foi dito a cultura está sempre em transformação, e com a cultura popular não seria diferente. Para Hall (2013, pg. 273), falar em “popular” é tão difícil quanto falar de “cultura” e o encontro dessas duas palavras, fica mais difícil ainda. Para ele a cultura popular hoje não pode ser mais vista apenas como mero objeto do regionalismo, pois a mesma despertou interesse no capital.

> As mudanças no equilíbrio e nas relações das forças sociais ao longo desta história se revelam frequentemente, nas lutas em torno da cultura, tradições e formas de vida das classes populares. O capital tinha interesse na cultura das classes populares porque a constituição de uma nova ordem social em torno do capital exigia um processo mais ou menos continuo, mesmo que intermitente, de reeducação no sentido mais amplo. (HALL, 2013, p.273-274).

A cultura é parte importante da identidade do sujeito e seu território, é o efeito do mundo onde homens e mulheres estão inseridos, onde crença, costumes e religiões fazem parte do cotidiano do indivíduo. A identidade cultural é um princípio de aspectos das afinidades entre os sujeitos de um determinado grupo, onde eles dividem a mesma linguagem e o modo de vida do local. E ela nasce da relação do indivíduo com seu território.

A identidade é o que diferencia o ser humano um dos outros, caracterizando-o como pessoa ou um grupo social. Então ela dá ao sujeito maneiras dele conhecer e reconhecer o seu eu interior.

Mas ao longo do tempo com as transformações da cultura e com a relação do indivíduo com outras culturas, esta identidade sofre muitas mudanças, fazendo assim surgir novas identidades. Hall, (2006) diz que:

> As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando o quadro de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p.07).

Como já foi dito, estas rupturas que a identidade cultural está sofrendo, tem muito a ver com esta relação de uma cultura com a outra. E a cultura de massas é uma grande influência para estas transformações de identidade, pois com o avanço tecnológico o indivíduo tem cada vez mais acesso a esta indústria, e tende a aderir cada vez mais seus produtos, ao que é novo. Hall diz que "afirmar que estas formas impostas não nos influenciam, equivale a dizer que a cultura do povo pode existir como um enclave isolado, fora do circuito de distribuição do poder cultural e das relações de força cultural" (2013, p.273).

Por mais que o indivíduo tente se desvencilhar deste modelo de cultura, para manter somente a que viveu uma vida toda, a indústria cultural tem meios de fazer com que o sujeito rompa as barreiras de sua identidade cultural e se insira cada vez mais neste mundo midiático. Porem isso era de se esperar, já que em qualquer tipo de cultura e de meios sociais há transformações, e estas são constantes. Neste caso não podemos culpar o indivíduo por sua perda de identidade cultural ou culpar somente a mídia por fazer com que o mesmo a perda. Porque tudo isso, está envolvido em um grande ciclo, que é formado por: capitalismo, mídia, transformações e culturas, um se relacionando com o outro.

Aprendemos durante nossa vida, a olhar a cultura superficialmente, olhando-a somente como parte imutável de nossa história de vida e local do contexto social em que estamos inseridos. Ou que ela é só aquilo que fazemos conformes manda nossas tradições e costumes.

Olhamos para ela apenas como a "cereja do bolo", como aponta Saraiva (2015). Por isso muitas das vezes lidar com culturas diferentes é algo difícil. Porém no decorrer do tempo percebe-se as transformações que vão acontecendo, e adentrando no nosso meio, é quando notamos que nada é tão concreto como parecia ser, que tudo se relaciona e ao passar por estas relações as transformações são inevitáveis.

Compreender a essência da palavra cultura é extremamente importante, para que possamos entender dialeticamente falando o processo de transformações e relações que os seres humanos estão aptos a passar constantemente. Podíamos falar da essência de outros conceitos, mas o da cultura já é um bom começo para entendermos o mundo e as nossas relações com o mesmo, já que cultura abrange tudo que está relacionado ao sujeito, sua trajetória de vida e esferas sociais. Pensar a cultura para além da “cereja do bolo” nos abre um leque de conhecimentos avançados sobre quem somos e como se constrói nossa identidade a partir das transformações que aconteceram e que vão acontecer, e como vai ser nossa relação com o novo. Enfim, cultura é isso, é a nossa relação com o mundo, é construção e reconstrução de nossa identidade, é todo contexto social que estamos inseridos. E para Saraiva,

> (...) a cultura não pode ser entendida somente como a “cereja do bolo” (...). Cultura é todo o bolo! Está presente naquilo que entendemos como seus ingredientes (experiências, marcas, desejos, sonhos, projetos, identidades, tradições, saberes e fazeres, memórias dos vários sujeitos); e na plasticidade da sua cobertura (que nos permite dizer quem somos na nossa relação com e no local, com e no território, com e no mundo). (SARAIVA, 2015, p.65).

CAPÍTULO II: CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO – MONTE ALEGRE DE GOIÁS E QUILOMBO KALUNGA

Aproximadamente a 600 km da capital Goiânia e a quase 400 km do Distrito Federal está situada Monte Alegre de Goiás, uma cidade do interior como muitas outras do Goiás. Denominada inicialmente como Arraial do Morro do Chapéu, ela foi fundada em 1769, devido à descoberta de garimpos de ouro no local, tendo aproximadamente 1.800 escravos trabalhando nas minas.

Muitas famílias descendentes de portugueses vieram de São Paulo trabalhar na extração de ouro e outros metais, onde empregaram o trabalho escravo. Era uma cidade rica em minérios, e os paulistas encontraram aqui fartura para garimpar. Extraíram muito ouro e resolveram permanecer no local, constituíram família, contribuindo assim para a formação do Arraial do Morro do Chapéu, chamado assim devido ao aspecto geográfico do morro que parece um chapéu. Embora haja outros relatos de que o nome “chapéu” surgiu depois que um garimpeiro foi devorado por um animal selvagem (onça) e somente o chapéu dele foi encontrado nas imediações do morro.

O Arraial cresceu com os esforços de habitantes através do trabalho escravo nas minas de ouro e cada vez mais atraía pessoas, pois o ouro tinha um valor significativo. Até 1950 ainda existiam muitos garimpos no Arraial do Chapéu, o que fez surgir o Povoado Riacho dos Cavalos, através do garimpo de cassiterita e tântalo. Somente em 1953 o Arraial do Morro do Chapéu passou a se chamar Monte Alegre de Goiás, e permanece assim até nos dias atuais.

2.1 - Aspectos físicos e ambientais

Sua população estimada em 2017 era de 8.464 habitantes. Localizado na região nordeste do estado de Goiás, pertencendo a sua terra à microrregião denominada Chapada dos Veadeiros. Limita-se ao norte com o município de Arraias (TO) e Campos Belos de Goiás, ao sul com São Domingos e Nova Roma, ao leste com Divinópolis de Goiás e ao oeste com Cavalcante. A cidade tem alguns rios: Sucuri, Lava pé e Atalaia, que estão bem próximos da cidade, além do Rio Paranã que fica a alguns quilômetros da cidade, onde tem uma ponte que liga a outros estados, como o Tocantins.

Pertence também a cidade de Monte Alegre uma parte de um dos maiores quilombos brasileiros, denominado Kalunga. Este se instalou ali ainda no século XVIII, a partir da colonização do interior do Brasil e da descoberta do ouro da região.

Foto 4: Mapa de Monte Alegre de Goiás. Fonte: Google.

2.2. Aspectos Culturais

Monte Alegre de Goiás é um município rico em diversidade cultural, tendo como base atrativa a hospitalidade de seu povo que com simplicidade e carinho apresenta as riquezas culturais distribuídas em todo município, em suas festas tradicionais, expressões religiosas, expressões afro-brasileiras. A religião católica desde sua fundação sempre foi predominante.

Somente após a vinda de muitas outras pessoas atraídas pelos garimpos de ouro é que surgiram outras religiões, como as igrejas protestantes. Outro fator que fez surgir outras religiões e novas ideias de igreja, se deu através dos filhos dos moradores locais, que iam estudar fora e voltavam trazendo novos valores. Porém a religião católica ainda é forte na cidade. Os festejos de Santo Antônio, Divino Espírito Santo, Nossa Senhora D´Abadia e Reinado da Cachaça são exemplos de festas que fazem parte da identidade cultural dos monte-alegrenses.

Estas festas acontecem todos os anos, e atraem gente de todos os lugares, inclusive é uma época em que as famílias se reúnem todos novamente,

já que muitos monte-alegrenses não moram na cidade, mas aproveitam as festividades para visitar e matar saudades de familiares e de sua terra natal.

Foto 6: Festejo de Nossa Senhora do Rosário, Monte Alegre de Goiás. Fonte: Google.

Foto 5: Festa do Reinado da Cachaça, Monte Alegre de Goiás. Fonte: Google.

Foto 7: Igreja Católica de Monte Alegre de Goiás. Fonte: Google.

Também pela historicidade com relação ao trabalho escravo que houve de forma forte no local, algumas casas foram tombadas como patrimônio histórico, por terem sido construídas por escravos.

2.3. Quilombos Kalunga

Os quilombos têm sua origem na resistência à escravidão, sendo formados por escravos que fugiam de grandes propriedades agrícolas ou garimpos, em direção ao interior do Brasil. Em 1988 a Constituição Brasileira reconheceu as comunidades quilombolas como povos nativos, dando-lhes o direito as terras que ocupavam.

A resistência dessas populações africanas aos maus tratos que estavam submetidos levou-os a fugir para locais de difícil acesso, onde os caçadores de escravos chamados de capitães do mato, não os encontrariam com facilidade. O isolamento foi também sua força, para se organizarem com formas sociais semelhantes às de seus locais de origem, conservando assim sua identidade própria e modo de vida tradicional.

Não podemos falar de quilombo, sem falar do maior e mais importante deles, o Quilombo dos Palmares. Ele se organizou em meados de 1597 na Serra da Barriga, hoje parte de Alagoas. Este quilombo conseguiu resistir por quase 100 anos e durante 30 anos conseguiu manter ali cerca de 30 mil pessoas.

Zumbi e Ganga-Zumba foram os líderes mais importantes do Quilombo dos Palmares. Tanto que o dia 20 de novembro, data em que Zumbi morreu, passou a ser comemorado desde 1979 no Brasil como Dia Nacional da Consciência Negra. Mas apesar de toda luta e resistência, infelizmente em 1694 o quilombo Palmares foi destruído por Domingos Jorge Velho.

A comunidade Quilombola Kalunga está situada no centro-oeste do país, mais precisamente no estado do Goiás, e ocupa uma área de aproximadamente 237 mil hectares. Em 2009 abrigava 4.500 pessoas, que estavam distribuídas na zona rural dos municípios de Monte Alegre de Goiás, Cavalcante e Teresina.

São povos remanescentes de escravos, que distantes de suas origens o isolamento foi a defesa que acharam para se protegerem contra a sociedade de brancos. E ali, naquelas terras cercadas por grandes serras, adquiriram com seus ancestrais conhecimentos necessários para sobreviverem.

> A Comunidade Kalunga é a constituição de um povo negro originalmente formado por descendentes de escravos que fugiram do cativeiro, e adentravam à mata na região da Chapada dos Veadeiros, num dos lugares mais belos e de

> difícil acesso da região de Goiás, constituindo assim o que conhecemos por quilombo (TORRES, 2014, p. 21).

2.3.1- Aspectos físicos e ambientais

Quem conhece o Kalunga, entende o porquê muitos escravos decidiram fugir para aquele local, pois o mesmo é cheio de grandes serras, e o acesso mesmo na atualidade ainda é difícil. Estas serras estão por todas as partes do Kalunga, deixando a beleza do lugar ainda mais majestosa. Serra do Mendes, do Mocambo, Morro da Mangabeira, Bom Jardim, da Areia, Moleque e Contendas, são nomes de algumas serras que estão ao redor do quilombo Kalunga. E por ser de difícil acesso, os meios de transportes que foram usados durante décadas eram mulas e cavalos; nos dias atuais carro, caminhonete, caminhões e motos são meios de transportes usados por muitos, porém ainda existem lugares que as pessoas continuam usando cavalos e mulas para se locomoverem.

Foto 8: Meio de transporte mais utilizado pelo o povo Kalunga na atualidade. Fonte Cláudio Santos.

Foto 9: No período de chuvas, é normal os carros atolarem. Fonte: Cláudio Santos.

Neste cenário de grandes serras, está também o Rio Paranã que corta todo território do Kalunga, o mesmo tem muitos afluentes como: Ribeirão dos Bois, Rio das Almas conhecido também como Rio Branco, Rio do Prata e Rio Bezerra. São rios com abundâncias de águas, que não secam. Também existem os córregos que deságuam no Paranã, como o Alminha, o Riachão e o Sucuri.

A agricultura familiar ainda predomina no local e o cultivo da terra chamada de roça acontece todos os anos. Onde a família se reúne para preparar a terra para receber a plantação de alimentos como: arroz, feijão, mandioca, milho, etc. Estes alimentos são usados para consumo próprio, ou em trocas. Nos dias atuais, a farinha que é feita da mandioca é usada como mercadoria. Alguns cocos também são usados na alimentação local, os mais famosos são coco Catolé e Licuri.

Em alguns locais também são encontradas hortas, que geralmente são feitas à beira do rio ou no quintal das casas. Nestas hortas são plantadas hortaliças como manjericão, coentro, pimentas e alfavaca.

Por estar localizado em zonas rurais de três municípios diferentes, o Kalunga é dividido por comunidades ou fazendas. Vou usar como exemplo o município de Monte Alegre de Goiás, sendo que no território Kalunga deste município encontramos as seguintes comunidades: Pé da Serra, Boa Sorte, Afanha, Curral da Taboca, Tinguizal, Barra, Riachão, Barra do Bezerra, São

Pedro, Areia, Saco Grande, Sucuri e Bom Jardim, onde está localizada a escola descrita no título deste projeto.

2.3.2- Aspectos Culturais

Com tanta resistência, luta e história, já era de se esperar que o Kalunga fosse um lugar rico em cultura. Estas tradições culturais são passadas de geração em geração e se mantém vivas até os dias atuais, embora haja algumas perdas desta cultura por parte da juventude. Mas o que não pode ser negado é que a cultura do lugar é incrível, as rezas, a dança, as folias, tem uma grande significância para os moradores, principalmente para os mais velhos.

As festas que acontecem durante todo o ano, representando as práticas tradicionais de todas as comunidades e fortalecem assim o vínculo com o que foi passado de pai para filho, durante toda uma trajetória de vida. Santo Antônio de Lisboa, Senhora d´Abadia, Romaria do Moleque, São João e Reis, são exemplos de festas que se comemoram no Kalunga. As folias e as danças também fazem parte desse ritual cultural, e uma das danças mais aclamada é a sussa.

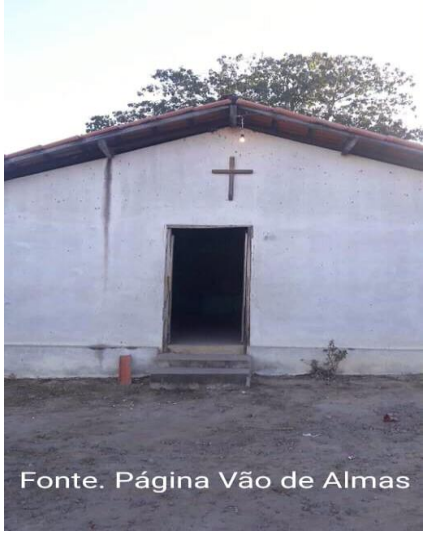

Foto 11: Capela do festejo de São João, comunidade Sucuri.

Foto 10: Festejo de São João, comunidade Sucuri.

A sussa e uma dança típica que é dançada por homens, mulheres e crianças, onde uns puxam o batuque, num tambor, caixa ou bruaca e pandeiro

e cantam músicas que caracterizam um passado que remete a muitas histórias. Esta dança é sagrada para o povo quilombola, pois ela é uma forma que eles usam pra agradecer as promessas alcançadas. Antigamente a sussa também era usada como uma espécie de dança da chuva, pois quando a terra estava muito seca ou quando a plantação estava se perdendo por falta da chuva, eles se reuniam no terreiro de suas casas, pediam aos santos a chuva e em seguida dançavam a sussa, e segundo relatos em pouco espaço de tempo a chuva caía.

Nos festejos é de costume dançar a sussa ao redor do mastro, como espécie de agradecimento e devoção ao santo. O som que entoa dos instrumentos é envolvente, as mulheres rodopiam com muita graça e leveza, algumas vão mais além e dançam com uma garrafa na cabeça, mexem o corpo e rodopiam com o pescoço estático para garrafa não cair. Os homens dançam a sussa como se estivesse reverenciando o movimento que as mulheres fazem, costumam rodopiar também, mas não tanto quanto as mulheres. Eles mexem os pés com rapidez e agilidade movimentando o corpo de um lado para o outro.

Algumas cantigas de sussa são assim:

- Levanta a saia mulata, não deixe a saia molhar, a saia custou dinheiro e dinheiro custou ganhar

- Ó meu filho, escuta o que vou dizer se pega com Deus, meu filho que Deus vai ajudar você

- Ó menina, o que você tem? Marimbondo sinhá. Marimbondo, sinhá. É hoje, é hoje que a palha da cana voa. É hoje, é hoje que tem que avoar.

- Rainha de Ouro, de ouro só. Esse rei é de ouro, de ouro só. Ó sala de vadiar, varanda, ó sala de vadiar varanda. (MEC, 2001, p. 66).

Foto 12: Mulheres dançando Sussa, comunidade Vão de Almas.

As folias dão se a partir das crenças nos santos. Existem várias folias nas comunidades, dentre elas estão nossa Senhora do Rosário, Divino Pai Eterno, Santo Antônio e Santo Reis. Estas folias fazem algo que se chama de giro, que é o ato de passar de casa em casa, levando a bandeira com a imagem do santo e cantando os cantos que representam a imagem. Os donos da casa, após ouvirem o canto, recebem a bandeira e a guardam, e ali a folia fica por alguns minutos, os foliões cantam suas curraleiras e depois recebem as esmolas, que são pequenas quantidades de dinheiro que é dado pelo o dono da casa. E assim seguem para outra casa. Se quando eles chegarem nesta casa já estiver quase escurecendo, eles pedem em nome do santo o pouso, e ali naquela casa eles, jantam, cantam suas curraleiras e dormem, e, somente no dia seguinte seguem com a folia. Estas folias têm uma quantidade de dias para girar, mais ou menos uns oito dias, e geralmente no mesmo local que sai e o local que eles chegam.

Foto 13: Folia de Santo Antônio, comunidade Vão de Almas.

A folia de Santo Reis é um pouco diferente, pois ao invés de girarem de dia, eles giram durante a noite, neste mesmo processo de casa em casa. No final do canto, eles soltam o batuque da caixa e dos pandeiros e tocam a sussa, onde os donos das casas ou quem está seguindo a folia dançam. E quando estiver para raiar o sol, eles param em uma casa, pedem o pouso em nome no santo, e ali eles almoçam, cantam suas curraleiras e descansam, e no final da tarde, eles voltam a girar esta folia gira por seis dias. Todas estas folias são compostas por

três componentes, que são os foliões, que é quem canta o canto e as curraleiras, o aufere que é quem carrega a bandeira e o caixeiro que acompanha os foliões e com o batuque da caixa, avisa de longe que a folia esta chegando.

Alguns cantos de folias são assim:

- Canto de folia de Reis:

O Santo Reis chegou, e chegou na porta e parou
e foi dizendo boa noite, boa noite, morador
Santo Reis chegou dizendo: do princípio do terreiro
a sua casa vim benzendo pra entrar esse senhor,
pra entrar com Jesus Cristo, cheio de graça e amor.
E que casinha tão bem feita. Foi feita por muitos anjos
Pra livrar da tentação. E que casinha tão bem feita,
aprumadinha no lugar. Muitos anos viva nela, quem dentro
dela estiver. Marido, mulher e filho Jesus veio abençoar.

- Canto de folia do Divino Pai Eterno:

Meu Pai e Filho, Espírito Santo, é a visita da bandeira.
Quando Deus andou no mundo e Jesus Cristo era menino
o homem pecador. E quando Deus andou no mundo
ele fez a visita de Deus, e os apóstolos do senhor.
O Pai Eterno já dizia, ele fez o mar, o céu e a terra,
ele fez o mundo em três dias e com quatro abençoou. (MEC, 2001, p. 56)

As rezas acontecem também pela a crença em santos, temos as rezas de: São Sebastião, São João, Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida, e as que acontecem na chegada das folias. Nestas rezas todos participam e os mais velhos que são os rezadores, cantam benditos de louvor ao santo e rezas também, os demais vão acompanhando. Estas rezas têm uma variação de tempo, podem ser de uma hora ou mais. No final da reza, eles dançam a sussa e cantam um bendito no qual convidam as pessoas a “beijar o santo”. As pessoas entram e faz o sinal da cruz e depositam no altar suas esmolas, no final das rezas se faz uma festa em homenagem ao santo, onde todos se divertem, dançando, bebendo e comendo.

O que podemos notar nestas festividades é a relação entre as pessoas, a comunhão que há entre eles, pois estão sempre dispostos a ajudar um ao outro pra que aquela festividade aconteça de forma boa, de forma que todos se divirtam. Durante as rezas é possível ver como as mulheres se aglomeram para ajudar, saem de suas casas, vão até a casa que vai acontecer a reza e ali ajudam

a fazer bolo, paçoca, cozinham as comidas que irão ser servidas, pegam água no rio, e ajudam da melhor forma possível. Os homens por sua vez também ajudam, pegam lenha, fazem as trempes, pegam palha, ajudam na construção do barraco onde vai ser a festa. É bonito de ver a reciprocidade que existe entre eles, pois não importa onde vai ser a festa, eles sempre estão dispostos a ajudar.

O que vejo é que estas festas são modos que eles encontrão de manter viva sua identidade cultural e sua historicidade, é o tempo que eles têm pra se encontrarem, conversarem, reencontrar parentes e amigos que moram distante e se divertirem juntos em harmonia. Esquecer por um momento as dificuldades que eles encontrão no cotidiano de uma vida no campo. Com isso, me atrevo dizer que estas festividades são para eles a sagrada alegria, o sagrado momento de comunhão entre membros de um processo histórico que vem de longa data.

Algo que ainda faz parte da cultura Kalunga e que é pouco falado são os casamentos na fogueira. É um costume antigo, que ainda na atualidade se faz presente, pois mesmo com o acesso fácil ao casamento religioso numa igreja, ainda existem pessoas que se casam neste ritual da fogueira.

Como o próprio nome diz, estes casamentos são realizados mediante a fogueira, onde os noivos e uma pessoa que pode ser homem ou mulher, falam os palavreados próprios para aquela cerimônia, e realiza o casamento, que pra eles tem o mesmo valor de qualquer outro casamento.

Nas letras dos cantos de folia podemos perceber a fé explicita em cada estrofe, fé de um povo que mesmo com tantas dificuldades não perderam em nenhum momento a esperança de serem abençoados. Fé de um povo que tem a religião como porta de saída para seus problemas, tudo graças a fé, podemos notar isso, não só nas letras dos cantos, mas nas festas religiosas que tem dentro da comunidade, as promessas feitas por eles, e alegria de agradecer pelas graças recebidas.

O que podemos notar nas letras da música da dança sussa é que elas representam um passado de escravidão, pois estas mesmo que na atualidade não exista mais a escravidão, estas músicas foram passadas de geração em geração e estão presentes nos momentos de suas festividades. Mesmo que eles dançam e se alegram ao dançarem, a maioria das letras tem palavras que remete a um passado onde a escravidão dominava, como por exemplo: Sinhá, rei, rainha, mulata e etc.

2.3.3 - Fazenda Bom Jardim Kalunga, relatos do senhor Pereira.

Quando falamos do Kalunga, falamos sempre em um contexto geral, e nunca em um lugar especifico. O Kalunga é um território grande, e como já citado acima está localizado nas zonas rurais de três municípios diferentes, e por isso está dividido por comunidades ou fazendas. Mas dificilmente se vê histórias e relatos sobre estas fazendas, quase nada sobre o lugar. E tudo que sei sobre a Fazenda Bom Jardim foi relatado a mim por um dos moradores mais velhos do local, quando passei a morar no lugar. E com este relato, tentarei falar sobre o Bom Jardim, um pouco da história de um dos donos das terras deste local, aqui irei chamá-lo de Pereira.

Foto 14: Pastagem do Senhor Pereira, fazenda Bom Jardim. Fonte: José Onofre.

O senhor Pereira nasceu no ano de 1935 no município de Cavalcante, Goiás, na comunidade Vão de Almas Kalunga, e se mudou pra fazenda Bom Jardim, juntamente com seus pais e irmãos, mais ou menos no ano de 1943. O avô dele era dono das terras tanto do Bom Jardim, quanto as que ele morava com os pais no Vão de Almas. Ele não sabe ao certo como o avô conseguiu as terras do Bom Jardim, e muito menos o que o avô fez com as terras do Vão de Almas. A fazenda Bom Jardim foi passada de geração em geração, e o senhor Pereira e seus irmãos passaram a ser donos das terras no ano de 1959 com a morte do pai deles. As terras foram divididas por partes iguais entre os irmãos e cada um passou a cuidar de sua parte. O senhor Pereira casou e teve seis filhos, destes somente um vive no Bom Jardim, os outros ou moram em outras fazendas ou em Brasília.

O senhor Pereira não teve acesso a escola, pois naquele tempo era difícil, e somente depois de adulto aprendeu a assinar o seu nome. Seus filhos tiveram pouco estudo também, pois no Bom Jardim não havia escola. Eles estudavam em uma escola que tinha em outra fazenda, e por ser longa a distância, os filhos acabaram por desistirem e mal concluíram o ensino fundamental.

A primeira escola do Bom Jardim foi construída entre os anos de 1992 a 1993. Era uma escola simples, feita de barro nas paredes e palha na cobertura, e a maior parte dos alunos que frequentou esta escola eram netos do senhor Pereira. E entre os anos de 2001 a 2003 foi construída a atual escola do lugar, o local onde foi construída esta escola foi doado pelo senhor Pereira, esta doação se deu através de documentos assinados em cartório e hoje é frequentada por crianças e adolescentes das fazendas Bom Jardim, Boa Sorte e Afanha. Alguns destes alunos são bisnetos do senhor Pereira.

Atualmente no Bom Jardim, vivem nove famílias, todos parentes bem próximos do senhor Pereira, sendo irmãos, filhos, netos, bisnetos, sobrinhos e tem até uma tataraneta.

Foto 16: Alojamento de professores, na Escola Bom Jardim.

Foto 15: Atual escola da comunidade Bom Jardim.

CAPÍTULO III:REFLEXÕES SOBRE MINHA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

Durante estes quase dez anos morando na comunidade quilombola Bom Jardim, o que percebi foi a perda da cultura local por parte dos jovens. E muitas vezes, cremos que esta perda se dá a partir do contato destes jovens com outras culturas e outras identidades, mas não é. Um punhado de coisas contribui para esta perda, e para mim a principal delas é a falta de compromisso da escola de contribuir com o resgate da historicidade de vida destes jovens.

Porque a partir do momento que estes jovens aceitarem e compreenderem a cultura local deles, o fato de entrar em contato com outras culturas e identidades não irá mudar esta aceitação. Mas para isso acontecer, a escola deve ter um elo com a comunidade onde está inserida. Deve buscar meios de fazer um resgate dessa cultura e meios para que estes jovens compreendam e aceitam que a cultura local é parte importante da vida deles. Fazendo com que, assim, eles não tenham uma recusa de sua própria identidade cultural.

Como já relatei nesta pesquisa, trabalhei a um bom tempo na Escola Bom Jardim como merendeira, e durante este tempo, não vi nada que pudesse ser identificado como um trabalho que lembrasse a cultura local. Dessa maneira, no meu estágio foi me relatado que não era comum o trabalho da cultura dentro da escola. Esses dados concretos desmistificam totalmente as estratégias da Seduce e o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, que dizem em alguns itens de seus documentos que a cultura deve ser trabalhada dentro da escola.

Entendo que a escola deve seguir uma grade curricular que já vem pronta, porém o mínimo de espaço que tem para fazer algo em relação à questão cultural, a escola deixa passar, como por exemplo, as aulas de Artes. Mas também entendo que os professores da escola possam não compreender o sentido do que é arte, e podem imaginar que cultura não tem nenhuma relação com Artes. Durante meu estágio, o professor regente disse que trabalhar com Artes na escola não era fácil, pois a grade curricular não deixava claro o conteúdo e muito menos os objetivos do que era pra ser trabalhado, por isso trabalhavam muito com colagem e pinturas. Então de cara agarrei a oportunidade de usar este espaço, mesmo que curto, para trabalhar a cultura local dentro de sala de aula.

Meu estágio na Escola Estadual Bom Jardim-extensão Kalunga II, se iniciou com as observações em sala de aula no dia 05 de maio de 2017. As observações foram realizadas no fundamental II 6º, 7º, 8º e 9º ano em salas multisseriadas. Durante minha observação pude ver a relação de alunos e professores e os conteúdos passados nos componentes curriculares de Língua Portuguesa e Artes, componentes estes que eu trabalharia como docente durante meu estágio. O professor demonstrou disponibilidade pra me ajudar no que fosse preciso, e minha relação com ele, com os alunos e demais funcionários foi de harmonia.

Ainda no período de observação, eu e o professor conversamos sobre o planejamento das aulas que eu iria ministrar, e como era de se esperar, ele disse que eu não poderia ultrapassar a grade curricular, principalmente nas aulas de língua portuguesa. Por este motivo, o professor disse que ele mesmo faria os planos deste componente, e que eu poderia até ajudá-lo, mas jamais ultrapassar a grade curricular. Isso me deixou com a sensação de impotência, pois queria trabalhar algo diferente. Mas logo em seguida ele me disse que, nas aulas de Artes, eu poderia trabalhar com meu próprio plano. Fiquei feliz, pois apesar serem poucas aulas, eu poderia trabalhar algo diferente do que os alunos estavam acostumados. E foi a partir daí, que resolvi levar o tema cultura pra dentro da sala de aula.

Observei que durante as aulas de Artes o professor trabalhava muito com pinturas e colagens. Fiquei observando uma atividade que foi passada aos alunos das quatro turmas, que ocorreu da seguinte maneira: o professor entregou material para eles (papel, lápis de cor, cola e cartolina), em seguida pediu que os alunos desenhassem o trajeto que eles faziam até chegarem à escola, depois pintassem e, quando pronto, colassem na parede. Porém, em nenhum momento houve uma explicação do porquê de estar pedindo aquela atividade. Senti naquele momento que ficou uma aula vaga e bem monótona, e, além disso, que este era o padrão recorrente nas aulas de Artes, pois era a mesma coisa que ele trabalhava em todas as aulas deste componente.

Esta forma tradicional que a arte é trabalhada dentro da escola, não é caso isolado de apenas um lugar, ela se estende a muitas escolas em vários lugares. Em 2017 a egressa da LEdoC Fernanda Patrícia Souza, em seu Trabalho de Conclusão de Curso, pesquisou sobre o trabalho de Artes na Escola

Municipal Espaço do Saber (EMES), que está localizada na cidade de Ipiranga de Goiás, e durante sua pesquisa e observações ela pode constatar que as atividades de Artes nesta escola era apenas desenhos que seguia um modelo padronizado e copiado, e por isso os alunos não conseguiam se expressar através do mesmo. Ela diz,

> De acordo com as informações obtidas através do questionário (questões 3 e 4), durante a coleta de dados, apenas a atividade de desenhar foi desenvolvida. E ainda partiu de um princípio padronizado, copiado, onde os estudantes não tiveram direito de se expressarem. (...). Com isso, podemos perceber que o conteúdo proposto pelo educador é sem dúvidas um exercício que inibe a expressividade dos estudantes, pois, eles não tiveram liberdade de expressão (SOUZA, 2017, pg.36).

Logo em seguida comecei a pensar sobre o que deveria ser trabalhado durante estas aulas e qual parte da cultura local eu iria levar para ser trabalhado. Então resolvi que iria trabalhar a dança sussa junto com o artesanato. Escolhi a sussa por fazer parte de todo ato religioso existente na comunidade e o artesanato por ser algo flexível para se trabalhar em poucos dias de aula. E assim fiz meu plano, que foi único para trabalhar em todas as séries, pois já havia percebido que os alunos não tinham contato com a cultura local dentro de sala de aula.

Depois de dez horas de observação em sala de aula, dei início à segunda parte do estágio, que é atuar como docente. Nas aulas de Língua Portuguesa, eu não ministrei nada além de gramática e interpretação de textos, o que é o tradicional sempre presente nas aulas deste componente. Porém não é dessas aulas que quero falar neste relato, pois aqui darei ênfase às aulas de Artes, em como conduzi estas aulas e os impactos que isso causou nos alunos.

Nas aulas de Artes nas quatro turmas, expliquei aos alunos que, tanto o artesanato quanto a dança eram formas de arte: o artesanato era arte porque o manuseio dos materiais para a transformação em objetos e pelo uso da técnica com intenção expressiva era uma forma artística de se trabalhar, e a dança era arte porque usava o movimento do corpo, e que estes movimentos corporais eram uma forma artística. Os jovens ficaram surpresos, pois não viam a arte

dessa forma. Primeiro perguntei a eles o que entendiam sobre cultura, depois perguntei a eles o que sabiam sobre a dança sussa e se já haviam dançado. Os alunos das turmas dos 6º e 7º ano não souberam responder a pergunta sobre a cultura, disseram não saber, que já haviam ouvido a palavra, mas que não sabiam o significado. Depois responderam que não sabiam muito sobre a dança, que só já haviam visto os mais velhos dançando e que nunca tinham dançado.

Então expliquei a eles a proposta de aula, que era trabalhar a cultura local. Expliquei a eles sobre a importância da cultura, em seguida falei sobre a cultura popular e como este modelo de cultura era importante para nossa vida. Falei que a dança sussa e o artesanato local faziam parte da cultura popular deles. Depois dessa explicação, distribuí a letra da música para os alunos e convidei-os para abrirem uma roda e dançarem junto comigo esta dança. No começo ficaram tímidos, mas aceitaram e iniciamos nossa atividade. Como não haviam dançado a sussa ainda, ensinei a eles o pouco que sabia, e aos poucos eles foram se envolvendo com a atividade. Depois de ouvirmos e dançarmos uma música sussa, peguei alguns materiais (balde e pandeiro) que eu havia trazido de casa e pedi pra que nós tentássemos reproduzir as batidas que ouvimos na música. Assim, enquanto uns batiam, os outros dançavam e cantavam a letra da música.

A escolha das músicas foi feita a partir de memórias que eu tinha das rezas, folias e festejos que já tinha participado. Procurei na minha memória qual música sussa era cantada em todos estes eventos, e me lembrei de duas: uma fala assim “Oh menina o que você tem? Marimbondo sinhá, o que você tem? Marimbondo sinhá”; e a outra diz, “Formiga que dói é jiguitaia, ela morde, ela sobe debaixo da saia”. Escolhi estas músicas, pois sabia que não ia ser letras desconhecidas para os alunos, com certeza já teriam ouvido em alguma festividade como: rezas, folias e festejos. E isso se confirmou durante a atividade, pois os alunos cantaram com facilidade a letra da música.

Trabalhei com a dança em duas aulas e, ao final da segunda, pedi aos alunos que me relatassem como se sentiram e o que acharam daquelas duas primeiras aulas com a cultura popular. Eles disseram que gostaram, e que não imaginavam que as aulas de Artes pudessem ser daquela maneira, que estavam acostumados a somente desenhar e pintar e que não imaginavam que a dança sussa podia fazer parte de uma aula de Arte. Expliquei a eles que a dança sussa poderia fazer parte de qualquer matéria, desde Artes até matemática, ficaram

surpreso com minha afirmação, mas como estava no final da aula, eu disse que explicaria isso a eles em outro momento.

Após esta conversa, como síntese, voltei a repetir o quão era importante a cultura local na vida deles, e que não podíamos deixá-la cair no esquecimento, pois perder o contato com a cultura local era o mesmo que perder parte da história de vida dos avós, dos pais e até a própria história. Pedi a eles também que perguntassem aos seus pais ou avós como eram os brinquedos de antigamente, e como eles usavam o barro. Também pedi que trouxessem de casa materiais para fazermos o artesanato.

Nas turmas do 8º e 9º ano os alunos responderam que também nunca haviam dançado a sussa e ainda classificaram a mesma como “dança de velho”, disseram que era de velho, porque somente os mais velhos dançavam e que os mais novos não dançavam este tipo de dança.

Então expliquei a eles o mesmo que eu tinha explicado nas aulas do 6º e 7º ano sobre a cultura, mas complementei dizendo que aquilo que eles chamavam de “dança de velho” fazia parte da cultura local deles, que fazia parte da história de vida, não só deles, mas também de seus antepassados. Expliquei a eles a atividade que seria realizada. Porém alguns alunos se recusaram dançar. Eu e o professor tentamos convencê-los a participarem da atividade, mas não houve jeito, e foi assim nas duas aulas de Artes que falamos sobre a sussa. Então segui minhas aulas com os poucos alunos que estavam participando.

As aulas de Artes no qual trabalharia o artesanato foram tranquilas nas quatro turmas. O trabalho com o barro serviu como entretenimento para os alunos, embora não fossem acostumados a fazer o artesanato com o barro, são acostumados com serviços manuais, que facilitou o envolvimento deles com a atividade. Os alunos trouxeram de casa os materiais (vara de buriti, sandálias velhas, latas e o barro) de casa para fabricamos os brinquedos e mini-peças como: panelas, botijas, potes e o cachimbo. Dessa vez todos os alunos do 8º e 9º ano participaram. Com as latas, sandálias e a vara de buriti, fabricamos carrinhos e caminhas, e com o barro fabricamos as mini-peças citadas acima.

Ao final da última aula nas quatro turmas, voltei a falar para os alunos a importância da cultura local, e sugerir a eles que buscassem compreender mais a importância que aquilo tinha para a vida deles e para a comunidade em que

eles vivem, e que buscassem mais elementos que faziam parte da cultura local deles, pois a dança e o artesanato eram apenas uma pequena parte da história de vida deles, dos avós, pais e de sua comunidade. Também ouvi cada um deles sobre o que haviam achado das aulas, e mesmo aqueles que se recusaram a dançar a sussa disseram que tinham gostado das aulas. E assim encerrei minhas aulas de Artes.

Ao todo foram oito aulas de Artes, logo, tive oito oportunidades de falar da cultura local para aqueles adolescentes. Oito aulas não foram o suficiente para que os alunos tivessem uma compreensão clara sobre a importância da cultura, mas foram suficientes para plantar uma semente. Os impactos causados nos alunos com estas aulas foram de formas diferentes, uns ficaram surpresos, outros acharam diferente, outros não gostaram e etc. Porém, sei que esses impactos geraram em cada um a curiosidade de querer saber mais sobre a cultura local.

Percebi na minha experiência que os professores costumam trabalhar somente a cultura de letramento e escrita dentro das salas de aula, talvez por seguirem a grade curricular que os limitam de expandir seus conhecimentos e suas habilidades. Entendo que é importante que os professores tragam pra sala de aula aquilo que faz parte da cultura local, por que isso também está inserido na forma de letramento estético. Trabalhar a cultura popular no âmbito da sala de aula é uma forma de estar ajudando os alunos entender quão importante é manter viva a cultura local, suas raízes e identidade. Também é uma forma dos professores aproveitarem da bagagem que os alunos trazem sobre seu modo de vida local, e que juntos possam explorar e enriquecer cada vez mais a cultura local da comunidade em que estão inseridos.

A música e dança são exemplos de trabalhar a cultura popular dentro da escola, pois cada região tem seus modos de dança e músicas. Não querendo dizer que não se pode estar em contatos com culturas de outras regiões, isso vai acontecer e é até bom que aconteça, porém quando acontecer, estes jovens não só vão saber respeitar estas outras culturas, como também irão entender a riqueza da sua própria cultura, fazendo com que eles não reneguem a mesma. Então, a cultura popular é uma parte que a escola como um todo deveria olhar, é algo que tem que estar dentro do currículo escolar como forma de letramento, pois as músicas trazem em si a poesia, as rimas, os ritmos e etc., assim como a

dança traz o movimento, e todos estes processos são formas de letramento. Lembrando que estes processos de aprendizagem devem gerar prazer no aluno, pois é a parte prazerosa que os alunos levam consigo durante toda vida. Foi este sentimento que os alunos da minha turma de estágio me passaram, pois até hoje eles lembram de uma forma boa as aulas que ministrei durante o estágio.

A escola deveria aceitar todas as formas de pensamentos e saberes, e dar pra cada um deles um espaço significativo, por que mais que ensinar a escola também deve aprender com aquilo que o aluno traz pra dentro da escola, com o que o aluno traz do seu mundo. Suas experiências de vida que foram herdadas, praticadas e adquiridas ao longo da convivência na comunidade. Devemos refletir sobre toda essa riqueza e ver como isso faz sentido na vida de cada um deles, buscando sempre compreender como o saber desses sujeitos será usado como produção de conhecimento.

Porem a tendência das escolas tradicionais é virar as costas para a realidade dos alunos. É como se o aluno tivesse que viver em dois mundos distintos num mesmo local. Severino (2011) destaca que,

> Tudo se passa como se tratasse de dois universos autônomos, desenvolvendo-se paralelamente, intercomunicando-se apenas de maneira formal, mecânica, burocrática, como se entre escola e comunidade não houvesse um cordão umbilical. (SEVERINO apud PAITER, 2017, pg.58).

A escola coloca entre ela e a realidade e historicidade de vida do aluno uma barreira, fazendo assim uma fragmentação. E a escola começa a errar quando faz uma fragmentação entre ela, alunos e comunidade. Este método de fragmentação não deveria existir, deve ter um equilíbrio entre os três elementos: escola, alunos e comunidade.

E este equilíbrio é essencial no processo formativo do aluno, sendo que esta fragmentação só traz uma desigualdade que não deveria existir. Esta relação entre escola e alunos, escola e comunidade não deve ser uma relação de imposição e sim uma relação de troca, onde um aprende com o outro, mesmo com as diferenças, diferenças estas que devem ter um equilíbrio entre troca de saberes, convivência e aprendizado. Só assim irá funcionar, pois a partir do

momento que estas diferenças viram desigualdade, todo este equilíbrio se desfaz.

Este equilíbrio deve estar presente dentro da escola até mesmo para que os alunos entendam o valor de cada conhecimento. Devemos mostrar que a cultura local deles ainda permanece viva graças ao valor que ela teve para seus antepassados, ao valor que ela tem para eles e ao valor que ela terá para as próximas gerações. Valorizar estas experiências do aluno, o que ele vive no cotidiano que tem a ver com a cultura popular da comunidade, é dar a ele a segurança de que sua identidade, raízes e história valem muito, isso será importante pra vida e para sua formação.

Outro erro que fica claro pra mim dentro da escola é o trabalho com o folclore. Sabemos que o folclore é parte importante dentro da cultura popular e identidade cultural, mas a forma como a escola aborda este tema dentro da grade curricular, no meu ponto de vista é uma perda de tempo. Perda de tempo por que trabalham com lendas de outros lugares, com cantigas de outras regiões, com brincadeiras desconhecidas, com histórias de personagem que estes alunos nunca ouviram seus pais ou avós contarem, e isso para os alunos não terá valor algum. Não que eu esteja chamando as manifestações culturais quilombolas de folclore, mas estou querendo dizer que, se é pra trabalhar manifestações culturais dentro da escola, que seja trabalhada algo dentro da realidade dos alunos. Estas manifestações devem ser feitas a partir das danças, cantigas, brincadeiras e histórias da comunidade onde os alunos estão inseridos, pois a ligação da escola é com a vida, portanto se faz necessário que ela a realidade dos seus educandos.

O folclore é trabalhado dentro das escolas, como manifestações culturais, porém quando a escola trabalha estas manifestações culturais é de forma equivocada, causa um distanciamento do aluno com sua realidade, fazendo com que eles percam o interesse e a compreensão da importância que a cultura local deles tem para o processo formativo de sua identidade cultural. Pois a ligação da escola é com a vida, portanto se faz necessário que ela compreenda a realidade dos seus educandos.

Este distanciamento do aluno com sua realidade que a escola traz ao trabalhar o folclore de forma equivocada faz com que eles percam o interesse e

a compreensão da importância que o folclore tem para o processo formativo de sua identidade cultural.

A escola deve desenvolver atividades que priorizam a historicidade e identidade cultural dos alunos. Estas atividades devem ser atrativas ao mesmo tempo em que atue na construção de conhecimento. Pois a partir do momento que escola passar a compreender que ela deve ser transmissora da cultura popular, compreender os valores que a cultura local tem, ela começará a fazer um resgate tanto imaterial quanto material, para poder usar estas práticas e manifestações culturais do povo como metodologias educacionais. Mas para que isso aconteça a escola deve expandir o espaço reservado para as práticas culturais, pois este espaço é muito pequeno, e que o trabalho cultural feito neste espaço esteja de acordo com a realidade do aluno. É importante saber usar este espaço de uma forma que contribua para o ensino-aprendizagem dele, não só como uma forma de letramento, mas no processo formativo de um sujeito que valoriza suas raízes, histórias e identidade cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, procurei analisar de que forma a cultura popular está sendo abordada dentro das salas de aula da Escola Estadual Bom Jardim-extensão Kalunga II. E também apresentar práticas pedagógicas e problematizar elementos para contribuir no modo como a escola deve usar a cultura popular para fins metodológicos, visando não só a formação educacional dos alunos, mas mostrar a eles a importância de se valorizar a própria cultura.

Esta necessidade de análise surgiu durante a minha inserção na escola como estagiária e, também, de meu período prévio como merendeira, pois durante este período percebi a não interação entre os alunos e sua cultura local.

A perda da cultura local por parte dos jovens da comunidade Bom Jardim se dá, entre outras razões, a partir desta omissão que a escola faz ao virar as costas para a realidade dos alunos. É necessário que a escola esteja em sintonia com o processo de historicidade destes jovens, levando-os a ter consciência da significância da cultura tradicional deles. Também é uma forma de fazer um resgate e não deixar cair no esquecimento esta cultura.

Com isso almeja-se a promoção da cultura popular local na comunidade Bom Jardim com a intenção de reconhecer e valorizar a cultura tradicional existente na comunidade, e dessa forma beneficiar a todos quanto ao desenvolvimento e a construção do conhecimento formal escolar e o conhecimento popular tradicional da comunidade.

Durante este processo, percebi que as estratégias da Seduce e o PPP da escola divergiram das minhas observações e inserção na sala de aula, pois ambos dizem que a cultura local deve ser trabalhada dentro das salas de aula. Porém durante minha inserção na escola, pude perceber que os jovens não estão recebendo nenhuma instrução necessária para a construção do conhecimento em relação a suas origens e costumes. Um exemplo disso foi à recusa que alguns alunos do 8º e 9º ano tiveram quando eu propus uma atividade com a sussa, que é uma dança local deles. E vale ressaltar também o relato em que todos disseram nunca ter dançado a sussa.

Então como explicar que alunos residentes numa comunidade quilombola, onde a dança sussa faz parte de sua cultura local, terem esta recusa? Teoria sem prática deve ser a explicação mais clara para isso, pois a Seduce e o PPP

elaboram uma relação com a cultura do ponto de vista teórico e de formulação de políticas públicas, porém não está sendo posta em prática. E como diz Menegat (2015), de nada vale a teoria se não for posta em prática; em outras palavras ele quer dizer que, se fazem teorias e não as põem em prática, o trabalho fica totalmente perdido, pois ambos não podem andar de lados opostos.

A escola tem um papel fundamental para a formação básica destes jovens, mas, além disso, ela deve ser fundamental na formação intelectual destes sujeitos, e isso só será possível se a escola estiver em conexão com o processo histórico e a realidade deles. Este trabalho deve ir além do ensino-aprendizagem e abordar questões que fazem com o que o sujeito seja consciente de sua própria história. Pois esta consciência servirá para que estes alunos não deixem cair no esquecimento a historicidade de vida deles e de seus antepassados, vai servir para que os mesmos reconheçam a importância que tem sua identidade, cultura e suas raízes.

Vale lembrar que o que tenho ouvido por parte dos professores durante estes três anos e meio de LEdoC, é que “as transformações nas escolas não acontecem da noite pro dia”. Eu concordo com esta afirmação, pois mudar a forma como as escolas tradicionais trabalham não é uma tarefa fácil. Precisa de todo um processo, onde paciência, luta, resistência e coletividade são palavras chaves.

Paciência porque não é fácil bater na mesma tecla sempre. Luta e resistência porque, por mais difícil que seja, quem busca uma educação transformadora não desiste dela. E coletividade porque como já ouvimos por aí “uma andorinha só não faz verão” e o coletivo é uma maneira de fortalecer a luta. Ter pessoas empenhadas em um mesmo processo é uma maneira de se manter forte na busca de uma educação não bancária. E para ter este coletivo, vale ressaltar que antes de mudar a escola em si, é necessário mudar a visão e modo de pensar de quem está inserido nela, assim um apoiará o outro na busca por uma educação transformadora. Os futuros educadores do campo que estão se formando e que vão se formar na LEdoC podem e devem criar um projeto coletivo para as escolas Kalungas que fortaleça a luta para a melhoria da Educação do Campo e das escolas do campo. Existem no território Kalunga outras associações que buscam melhorias no sistema educacional do campo, uma delas é a EPOTECAMPO (Associação de Educação do Campo do Território

Kalunga e Comunidades Rurais), ela busca fazer ações que conscientizem e fortaleçam as necessidades de acompanhamento das atividades dentro do sítio histórico, em relevância a Educação, Cultura e Ambiente. Esta associação abrange três municípios, Teresina, Cavalcante e Monte Alegre de Goiás. Porém novos projetos e associações devem surgir, pois quanto mais gente empenhados em uma educação transformadora, mais sucesso teremos em nossas lutas e conquistas.

Como citado, transformar o ensino das escolas tradicionais não é fácil, mas é possível. Como ponto de partida, aproveitar os pequenos e poucos espaços dentro de uma grade curricular que prende os professores a ensinarem somente o que lhes convém. Foi o que eu fiz nas aulas de Artes, aproveitei o espaço que eu tinha para trabalhar a cultura local dentro da sala de aula, procurei mostrar aos alunos a relação e a importância da cultura local para a vida deles.

Essa prática é uma maneira de quebrar as barreiras entre escola e comunidade, pois se é na comunidade que está a identidade e história de vida de cada aluno, é onde está toda relação com esta cultura tão esquecida e repudiada por parte desses jovens. Então não deve haver uma barreira. Sei que a grade curricular impede que muitos professores ultrapassem os muros da escola, mas se tem espaço para isso, mesmo que pequenos temos que investir, e fazer a diferença na forma de ensino. Estes pequenos espaços com certeza são um grande começo para a transformação acontecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Cássia Lobão. **Estudos contemporâneos de cultura** / Cássia Lobão Assis, Cristiane Maria Nepomuceno. – Campina Grande: UEPB/UFRN, 2008. 15 fasc. – (Curso de Licenciatura em Geografia – EaD) 236 p.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**:texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas emendas constitucionais nº 1/1992 a 99/2017, pelo Decreto legislativo nº 186/2008 e pelas emendas constitucionais de revisão nº 1 a 6/1994.- 53. ed.- Brasília:Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

BASTOS, Manoel Dourado; STEDILE, Miguel Enrique; VILLAS BÔAS, Rafael Litvin. Indústria Cultural, hegemonia e educação. In: BASTOS, Manoel Dourado; GONÇALVES, Felipe Canova (Orgs.). **Comunicação e a disputa pela hegemonia**: a indústria cultural e a reconfiguração do bloco histórico. São Paulo: Outras Expressões, 2015. pp. 27-39.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e Sociedade no Brasil**: ensaios sobre ideias e formas. 4ª ed.São Paulo: Expressão Popular, 2011.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade/ Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora).- Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.

MENEGAT, Marildo. Da arte de nadar, para o reino da liberdade. In: VILLAS BÔAS, Rafael Litvin; PEREIRA, Paola Masiero (Orgs.). **Cultura, arte e comunicação.** São Paulo: Outras Expressões, 2015.

HALL. Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008..

LIMA, Venício Artur de. **Comunicação e Cultura**: as ideias de Paulo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

MEC/Secretária da Educação Fundamental. **Uma história do povo Kalunga**. Brasília: MEC; SEF, 2001.

PAITER, Leila Lesandra. REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCNTE NA ÁREA DE CONHECIMENTO CIÊNCIAS DA NATUREZA: A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO-UFSC. Florianópolis, 2017.

PERAFÁN, Mireya E. Valência e Humberto Oliveira. Coleção Políticas e Gestão Cultural. Território e Identidade.

SARAIVA, Regina Coelly. “A cultura não é a cereja do bolo”: reflexões sobre cultura, memória e identidade. In: VILLAS BÔAS, Rafael Litvin; PEREIRA, Paola Masiero (Orgs.). **Cultura, arte e comunicação.** São Paulo: Outras Expressões, 2015.

SOUZA, Fernanda Patrícia de. **A importância da disciplina de artes na educação**: capacidade e criatividade das crianças. 2017. 47 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2017.

TORRES, Sideni Cesário De. **Documentários no território Kalunga**: análise dos filmes Entre vãos e Império e suas raízes. 2014. 98 f., il. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2014.